



André Dussek/AE

Apesar da ameaça, os deputados apenas registravam presença. O plenário continuou vazio ontem.

Ontem, presença só durante a chamada.

A punição a Bouchardet e Cheidde, que perderam seus mandatos por não comparecerem às sessões da Câmara, não conseguiu levar os parlamentares a encheram o plenário, mas contribuiu pelo menos para garantir boa presença na casa: 334 deputados transitaram pelo plenário para registrar suas presenças no painel eletrônico.

Normalmente, às quintas-feiras, os deputados já começam a retornar para os seus Estados quando não há votações importantes. Ontem, esteve em pauta apenas para discussão, um projeto de lei "que estabelece normas gerais de organização de efetivos, material bélico, garantias, convocação e mobilização das polícias militares e corpos de bombeiros".

Apesar do comparecimento, poucos permaneceram no plenário. Os que ficaram aproveitaram para ler jornais e conversar com os seus companheiros. O presidente da Mesa, Paes de Andrade, ao contrário dos outros dias, presidiu quase que a sessão inteira, e ouviu muitos elogios. "Foi uma sábia e oportuna decisão do colegiado diretor da Câmara", afirmou o deputado José Fernandes (PDT/AM). Esperançoso de que a punição dê início à aplicação de normas administrativas "regedoras da legalidade e da moralidade", Fernandes quer que a Mesa também puna o deputado Gustavo de Faria, acusado de corrupção na presidência do Instituto Previdenciário dos Congressistas.

Mas o ânimo com a punição aos fal-

tos foi substituído por irritação com os jornalistas, porque o **Jornal do Brasil** denunciou a contratação da sobrinha de Paes de Andrade, que é controladora de vôos do Sindacta. "Querem desmoralizar o Parlamento", afirmou o deputado Lysâneas Maciel (PDT/RJ).

O deputado Amaral Neto (PDS/RJ) distribuiu no plenário um folheto com uma caricatura do Parlamento britânico, lembrando que na Inglaterra os fotógrafos e cinegrafistas não entram no Parlamento e o máximo que a imprensa consegue fazer é charge, para retratar a vida na Casa. "No Brasil, a transparência é total e através dela destacam-se e agigantam-se erros e defeitos", afirma. Mas não fez qualquer proposta de se copiar o modelo britânico.